

ADOLPHO DUCKE E A COLEÇÃO VIVA DA REPRESENTAÇÃO DA REGIÃO AMAZÔNICA DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Lilian Mariela Suescun Florez*

Tereza Cristina Scheiner**

Resumo

O trabalho faz parte da pesquisa-tese intitulada: o Modo expositivo dos Museus de Natureza: análise comparativa entre a exposição da coleção de flora do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e a representação da Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, em julho de 2015. O texto apresenta a constituição da coleção de plantas vivas de flora amazônica introduzida pelo naturalista Adolpho Ducke no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a partir de sua chegada à Instituição, em 1918; e a criação da representação da Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro idealizada por Pacheco Leão, durante sua gestão. Através dos relatórios das três primeiras viagens de Ducke à Amazônia, realizados entre 1919 e 1928 e publicados nos Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1930; dos relatórios administrativos de Pacheco Leão, apresentados ao Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio durante sua gestão de 1915 a 1931, identifica-se o trabalho de coleta, classificação, nomeação, aclimação e musealização da coleção viva proveniente da Amazônia. O trabalho menciona a importância do Museu Paraense Emílio Goeldi como matriz geradora dos conhecimentos em domesticação e aclimação de plantas da Região, considerando os nexos de Adolpho Ducke com o Museu. Conclui-se ressaltando a necessidade de comparar o material de herbário com a atual coleção viva, para identificar os espécimes ainda existentes e que compõem o patrimônio histórico e científico da Instituição.

Palavras-chave: museus de natureza; coleção viva; Jardim Botânico do Rio de Janeiro; região amazônica; musealização.

* Doutora em Museologia e Patrimônio. Bolsista PCI do CNPq no MPEG, desenvolve trabalho de pesquisa sobre a transformação da paisagem do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi sob a orientação de Wanda Okada. E-mail: lilianflorez@museu-goeldi.br.

** Doutora em Comunicação *Professor Associado 02*, UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil. Coordenadora, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST. Vice-Presidente, Conselho Internacional de Museus - ICOM

Abstract

This paper is part of the thesis entitled Exhibits in nature museums: comparative analysis of the living plant collections of the Zoobotanical Park of the Museu Paraense Emílio Goeldi and the representation of the flora of the Amazon Region in the Rio de Janeiro Botanical Garden carried out in the Graduate Program on Museology and Heritage – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST and defended in July, 2015. The composition of the collection of live plants of the Amazon flora introduced by the naturalist Adolpho Ducke after his arrival at the institution in 1918 is presented; it constitutes the representation of the Amazon Region as it was idealized by Pacheco Leão during his tenure as director of the Garden. The work of collecting, identifying, acclimatization and musealization of the live collection coming from the Amazon is documented through Ducke's reports of his first three expeditions to the Amazon carried out between 1919 and 1928 and published in the *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* in 1930, the administrative reports submitted by Pacheco Leão to the Ministry of Agriculture, Industry and Commerce during his tenure from 1915 to 1931, and the list of plants published by Campos Porto in the journal *Rodriguesia* in 1936. Taking into consideration Ducke's close relationship with the Museu Paraense Emílio Goeldi, mention is made of the importance of the Museu as the main source of information regarding the domestication and acclimatization of plants from the region. It is concluded that there is a need to compare the available herbarium material with the current live collection in order to identify the specimens still existing as part of the historical and scientific heritage of the Rio de Janeiro Botanical Garden.

Key words: nature museums; live collection; Rio de Janeiro Botanical Garden; amazon region; musealization.

Introdução

Em 1915, com Antônio Pacheco Leão (1872-1931) iniciou-se um novo período de gestão no Jardim Botânico do Rio de Janeiro - JBRJ (1915-1931)¹. Pacheco Leão foi bacharel em letras e Doutor em Medicina. Trabalhou junto a Oswaldo Cruz na resolução de problemas médico-sanitários relacionados com a peste bubônica, a febre amarela e também no combate à malária. (MACHADO, 1946, p.133-134). Participou da Superintendência de Defesa da Borracha, em 1912, quando viajou à Amazônia, onde foram estudadas as condições médico-sanitárias junto a Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Joao Pedroso (CASAZZA, 2011). Quando recebeu o Jardim Botânico, a instituição centenária já possuía uma coleção viva e de herbário de caráter 'enciclopédico'² que foi sendo constituída durante todo o século XIX.

¹ Sobre o período administrativo de Pacheco Leão no JBRJ existe a pesquisa-dissertação de Ingrid Casazza. A autora aborda a gestão do médico nas suas características marcantes, como a diversificação das atividades, assim como a importância dada ao nacional, como é a incorporação de técnicas científicas e sua aplicação na agricultura, bem como o interesse no conhecimento da região amazônica. Também faz menção à criação do periódico *Archivos do Jardim Botânico*, publicação que serviu como fundamento para entender a construção da representação da Região Amazônica no JBRJ. A diversificação de práticas científicas revela a especialização da instituição, assim como o caráter multifacetado das pesquisas realizadas durante essa administração. (CASAZZA, 2011).

² Característica própria dos museus e jardins botânicos do século das Luzes.

Ao assumir a chefia do Jardim, também o espaço físico - localizado em terras que circundavam a Lagoa de Socopenopã (atual Rodrigo de Freitas) - estava claramente definido no que diz respeito a sua paisagem, constituída por: 1) Um 'traçado racionalista' composto por grandes eixos retilíneos, delimitados com elementos vegetais de impacto, como é o caso das Aléias: Barbosa Rodrigues, também conhecida como Aleia das Palmeiras, por ser configurada por numerosas palmeiras-imperiais (*Roystonea oleracea* (Jacq.) O. F. Cook); Karl Glasl, constituída por arvores de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) e Serpa Brandão, plantada com abricós-de-macaco (*Couropita guianensis* Aubl.); e por 2) Uma 'paisagem romântica' representada pelo Lago Frei Leandro e o Cômoro. A Figura 1 mostra a localização dos dois traçados mencionados, assim como o lugar onde se encontra a representação da Região Amazônica, objeto de estudo deste artigo.

Previamente, durante a gestão de Barbosa Rodrigues (1890-1909) as coleções vivas foram catalogadas com o objetivo de elaborar um guia de visitantes, que foi publicado com o nome de *Hortus Fluminenses*. Também foram criados o Museu Botânico e o herbário, que teriam como anexos uma biblioteca, um laboratório para análises orgânicas e um observatório meteorológico (BRASIL, 1890, p.1407).

Mas até aquele momento, o estudo da flora nacional não tinha sido explorado em grande escala, trabalho que só veio a ser desenvolvido por Pacheco Leão, como apresentamos neste artigo. Essa administração é reconhecida pelo incentivo à intensa produção científica - que tinha como objetivo desenvolver o inventário da natureza brasileira, o reconhecimento e a descoberta de novas plantas para seus estudos taxonômicos e fitogeográficos, assim como as pesquisas em fisiologia vegetal. Portanto, durante aproximadamente 15 anos houve um incremento do número de exsicatas incorporadas ao herbário e um crescimento das coleções vivas, que tinham por fim representar no arboreto do Jardim a riqueza natural do Brasil, distribuída e apresentada através da recriação de ecossistemas nacionais.

Jardim Botânico do Rio de Janeiro

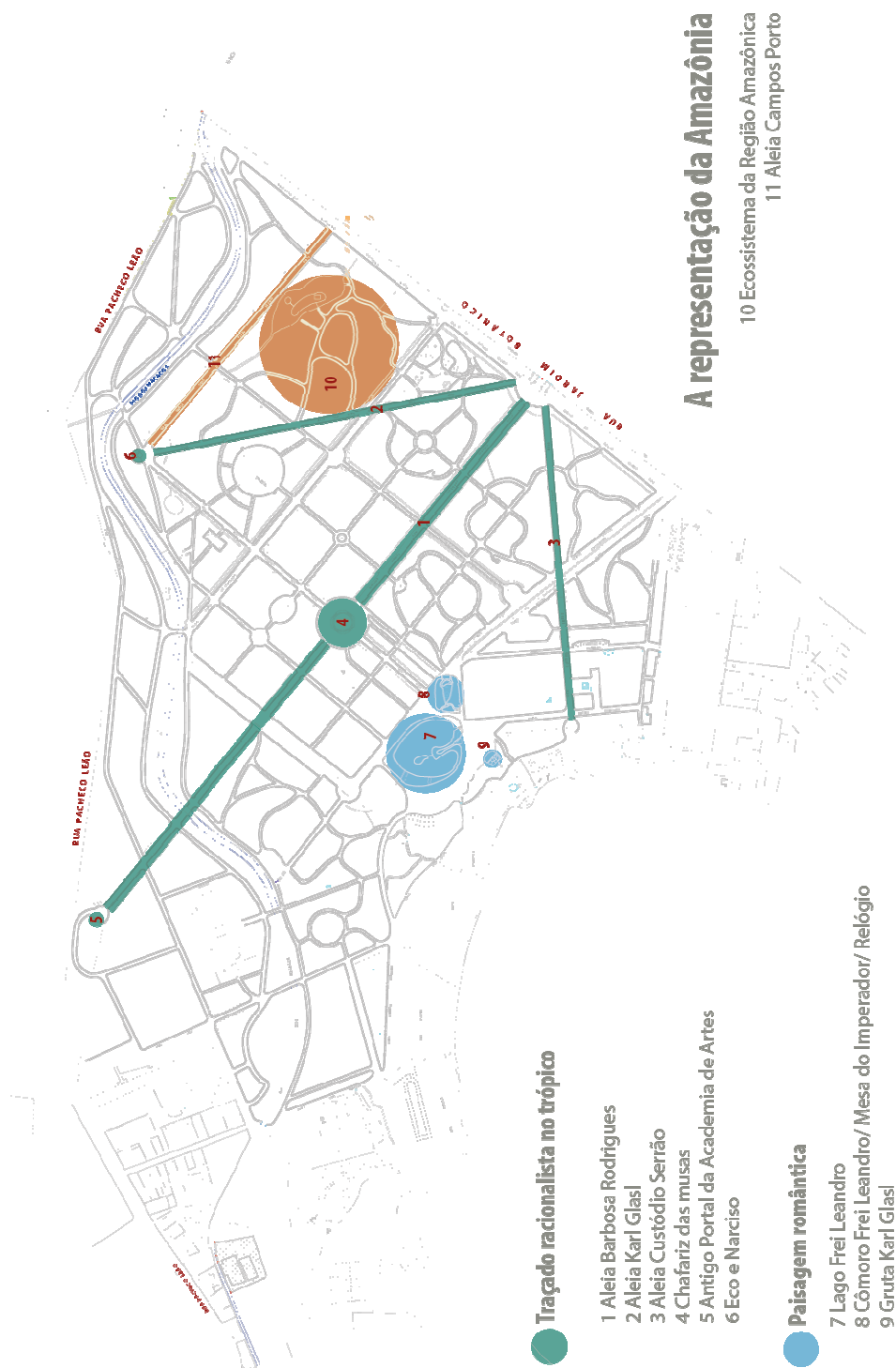


Figura 1 - Plano do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em verde a localização dos eixos que compõem o traçado racionalista, em azul a paisagem romântica e em laranja a representação da Região Amazônica. Fonte: (SUESCUN, 2015, p. 139).

Para a execução desse trabalho especializado, Pacheco Leão escolheu dois naturalistas que tinham experiência prévia e amplo conhecimento, em especial, da flora Amazônica: Adolpho Ducke, entomólogo e antigo funcionário do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, que trabalhou junto a Emílio Goeldi e a Jacques Huber, e que se debruçou nas pesquisas botânicas, ajudando na construção do herbário do Museu; e João Geraldo Kuhlmann, que tinha trabalhado como naturalista na Comissão Rondon, participando das viagens ao Amazonas e fazendo levantamentos de flora da região. Em 1919, Kuhlmann foi chamado a exercer o cargo de ajudante de Seção de Botânica e Fisiologia Vegetal, tendo Adolpho Ducke sido integrado ao Jardim em 1918 como chefe da Seção de Botânica e Fisiologia Vegetal, assumindo o cargo por três anos, que foram prorrogados. Em 1924, Ducke foi nomeado funcionário efetivo³.

Com o material vivo coletado nas viagens empreendidas por Ducke e Kuhlmann construíram-se três representações de ecossistemas brasileiros: Região Amazônica, Floresta Atlântica e Restinga. O objetivo com a construção dessas representações de biomas nacionais foi um reflexo do interesse do Estado Brasileiro no começo do século XX (entre 1907 e 1931) em conhecer a natureza ainda inexplorada, ou pouco explorada.

Por exemplo, nesse período se incentivaram expedições com o propósito de conhecer e obter amostras da flora e fauna da Amazônia, assim como ter maior conhecimento das populações locais: a Comissão Rondon (1907-1915)⁴ e o Jardim Botânico do Rio foram as duas instituições que organizaram as viagens de naturalistas, “iniciativas indissociáveis do processo de modernização do Estado” (SÁ; CASAZZA, 2012, p. 106) e pretendiam fazer um inventário das riquezas naturais, coletando informações que pudessem ser úteis para o desenvolvimento econômico do país; e, principalmente, para integrar a Região Norte ao Brasil como parte do projeto político de incorporação do que era considerado, até aquele momento, como ‘desconhecido’ - e que representava uma porção de terra promissora e rica em recursos naturais.

Assim, na década de 1910, o Jardim passou a ser subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio⁵. Essa mudança se viu representada na reestruturação da instituição, que privilegiou a diversificação da agricultura seguindo os parâmetros políticos do Estado, de modernização através do estudo sistemático e experimental da flora nacional. Com esta reorganização considerou-se importante a criação dos seguintes núcleos: Seção de

³ Outros botânicos de renome que pertenceram ao quadro de funcionários do JBRJ na gestão de Pacheco Leão foram: Alberto Lófren e Alexandre Brade

⁴ Sobre a Comissão Rondon ver: (SÁ; SÁ; LIMA, 2008, p. 779-810)

⁵ Implementado em 1909. Anteriormente Secretária dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Ministério da Viação. Ver: <<http://www.agricultura.gov.br/portal/page/portal/Internet-MAPA/pagina-inicial/ministerio/historia>>. Acesso em: 16 abr. 2015

Botânica, Seção Agronômica, Laboratório de química agrícola e o Laboratório de Ensaio de sementes e fisiologia vegetal. O arboreto foi mencionado no artigo 4 do Decreto 7848, onde além da importância da organização metódica da flora brasileira, deu-se relevância à disposição de áreas destinadas à diversão do público (BRASIL, 1910, p. 1169).

O Decreto confirma que nas primeiras décadas do século XX a especialização da Botânica, em especial da Fisiologia Vegetal e da Química Agrícola, correspondia aos interesses do Ministério de Agricultura, de modernizar e diversificar a agricultura através de diversas instituições sob sua direção. Mas vale esclarecer que, como comentaram Sá e Casazza (2012, p. 103), a natureza dentro do JBRJ não foi vista só do ponto de vista da sua utilidade e comercialização, mas especialmente “como o objeto científico de profissionais que se dedicavam a estudos que não tinham uma perspectiva imediatamente aplicada, como os trabalhos de descrição taxonômica”. Podemos observar este fato nos relatórios do Ministério durante a administração de Pacheco Leão. Para as autoras, este período pode ser considerado como o momento no qual se deu de maneira mais clara a coexistência dos estudos da natureza, por sua utilidade e como objeto científico, refletido nas publicações científicas que surgiram no Jardim, como foram os Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (SÁ; CASAZZA, 2012, p. 103) .

Interessa, neste artigo, apresentar a constituição da coleção viva de plantas de flora amazônica e portanto, o responsável pela coleta e estudo do material botânico: o entomólogo e botânico Adolpho Ducke (1876-1959), assim como o processo de musealização da coleção viva da Região Amazônica do Jardim⁶.

Antes de ser chamado a participar do quadro de funcionários do JBRJ, em 1918, Ducke trabalhou no Museu Paraense, tendo sido contratado por Emílio Goeldi em 15 de junho de 1899 para assumir o cargo de Auxiliar da Seção de Zoologia, devendo dedicar-se à coleta e preparação de coleções entomológicas, aperfeiçoando-se no estudo de abelhas e vespas (CAVALCANTE, 1963, p. 5). Como vemos, a princípio os interesses do naturalista não estavam relacionados com a botânica e a experiência adquirida nos primeiros anos de fundação do Museu esteve voltada para os insetos; mas segundo Cavalcante, a influência de Jacques Huber, botânico do Museu, foi essencial e marcou para sempre os interesses do naturalista (CAVALCANTE, 1963, p. 5), que a partir daí se voltaram para as espécies vegetais do interior amazônico, leguminosas e árvores de borracha (DUCKE, 1953, p. 40). Esta influência se refletiu na coleta de espécimes vegetais que Ducke realizou durante diferentes expedições, exemplares que tinham como destino o herbário e o Horto Botânico.

⁶ Exposição ainda presente no arboreto do Jardim. Depois da enchente de 1936 a paisagem passou por uma restauração, assim como também os elementos que a compõem: a casa e a escultura do pescador.

Com o falecimento de Huber em 1914, Ducke assumiu provisoriamente o cargo de Chefia da Seção Botânica até sua saída do Museu em 1918, continuando o trabalho de coleta, classificação e organização do herbário e horto do seu mestre. Tal como ele mesmo comentou:

Discípulo de HUBER e animado pelo desejo de continuar na medida das minhas possibilidades o estudo da flora florestal paraense sôbre a base por êle deixada, organizei um serviço metódico para obter espécimes botânicos completos daquelas árvores que haviam escapado às pesquisas de HUBER (DUCKE, 1953, p. 41).

Com a instrução de Jacques Huber sobre botânica e seus anos de trabalho no JBRJ, ele adquiriu conhecimentos sobre a flora da Amazônia como nenhum outro naturalista da época, pois nenhum conseguiu descobrir, produzir e publicar tanto quanto Ducke sobre a Amazônia e suas espécies (CUNHA, 2009).

Adolpho Ducke: entre o Museu Paraense e o Jardim Botânico

Desde a administração de Huber no Museu existiu uma colaboração por parte do Museu no envio de plantas amazônicas para o Jardim Botânico, como ficou registrado na troca de correspondências com John Christopher Willis, diretor do JBRJ entre 1912 e 1915. Em uma carta, Willis (1912) solicita a Huber remeter para o Jardim, duplicatas de herbário e coleções vivas amazônicas ainda não representadas naquela instituição. Huber (1912) respondeu positivamente a esta solicitação para o envio de exsicatas: “o nosso herbario é rico em plantas amazônicas e possui grande numero de typos descriptos por mim ou por especialistas europeus, dos quaes ainda há numerosas duplicatas”. No entanto, o envio de mudas e sementes seria mais complicado, pois Huber não contava com “um serviço regular de distribuição de sementes” e, portanto, a remessa só poderia ser feita esporadicamente.

A correspondência entre os dois botânicos foi constante. Trocaram-se informações e conhecimentos referentes às espécies de arvores gomíferas; Willis manifestava também seu ensejo em fazer uma revisão da *Flora Brasiliensis* e solicitava auxílio nessa empreitada. Em uma das cartas datadas de 1913, Huber fez a apresentação de Adolpho, dando a conhecer “um dos bons auxiliares do Museu Goeldi” que:

Apezar de ser especialista em entomologia é quem mais contribuiu para enriquecer nosso Herbario Amazonico. Elle se interessa muito pela flora do Brasil e com certeza encontrará em V.S. um guia seguro nas pesquisas que elle pretende fazer no Jardim Botânico (HUBER, 1913, p.1).

Acreditamos que através dessa carta Adolpho Ducke estabeleceu o primeiro contato direto com o Jardim Botânico do Rio de Janeiro; esta teria sido a oportunidade de demonstrar seus conhecimentos em botânica, adquiridos no Museu Paraense graças à intensa coleta de plantas realizada pelo entomólogo, seguindo muitas vezes as instruções dadas pelo seu chefe Jacques Huber.

Depois da morte de Huber em 1914 e em consequência da emergente crise econômica da Região, o Museu entrou em decadência: os recursos para contratação de novo pessoal capacitado tornaram-se escassos e mesmo a manutenção do estabelecimento passou a constituir um desafio. Durante esse difícil período, Ducke (1918) conservou o contato com instituições congêneres. Por exemplo, com Pacheco Leão, diretor do Jardim Botânico em 1918, o naturalista continuou respondendo e atendendo às solicitações de remessas de plantas, trabalho realizado antes da sua viagem definitiva para o Rio de Janeiro.

Já como funcionário do Jardim, durante a década de 1920, o Diretor do Jardim colocou nas mãos de Ducke a coleta metódica de material botânico vivo e seco, destinado às plantações e ao herbário (DUCKE, 1930a, p. 3). Chamamos a atenção para o fato de que existia, por parte de Pacheco Leão, o desejo de obter uma coleção não só de exsicatas, mas especialmente uma coleção viva de plantas úteis e significativas da Amazônia, que fosse suscetível de aclimação no Jardim e servisse como fundamento para realizar estudos de sistemática vegetal e de fitogeografia. O fato foi mencionado em relatório apresentado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio: “A exploração científica de uma flora, como a do Brasil, póde constituir uma das maiores fontes da nossa riqueza” (BRASIL, 1920, p 44). Em suma, o objetivo do Diretor centrou-se em inventariar a Amazônia e reconstituí-la, representá-la e esquadrinhá-la no JBRJ através da configuração da coleção viva e do herbário.

Segundo relatório do JBRJ, o interesse de formar uma coleção interessante e útil do grupo florístico da Amazônia obedeceu ao “accôrdo firmado entre o director desse estabelecimento e o do Museu do Pará” (BRASIL, 1916, p. 27). Pela data do relatório, acreditamos que o diretor do Museu Goeldi, ao qual faz menção Pacheco Leão, seja Adolpho Ducke⁷. Esse acordo formaliza os nexos e troca de conhecimentos, de material

⁷ Sabemos que em 1914, Ducke foi nomeado diretor interino e também ficou responsável da Seção de Botânica, depois da morte de Jacques Huber. Durante a administração da Dra. Emilia Snetlhelge (1914-1922) diversos acontecimentos afastaram a naturalista do Museu por alguns períodos. Cunha afirmou que, em 1917, Lauro Sodré foi obrigado a desligá-la do seu cargo, pois o Brasil encontrava-se em guerra com a Alemanha, sendo-lhe restituído em 1919 (CUNHA, 2009, p. 500). Portanto Adolpho Ducke e Rodolpho de Siqueira Rodrigues assumiram o controle da instituição em vários momentos. Por essa razão, achamos que Ducke seja considerado para Pacheco Leão o diretor do “Museu do Pará”.

botânico seco e vivo que estava sendo feito desde a administração de Huber no Museu Paraense - e de John Willis no Jardim Botânico.

A musealização nos museus de natureza

Antes de abordar a coleta de plantas vivas e o processo de musealização desenvolvido por Adolpho Ducke no Jardim Botânico, é necessário definir o próprio conceito que norteia este artigo: a musealização. Interessa-nos demonstrar como esse processo se dá de maneira diferenciada nos museus de natureza⁸, ao entendermos que o trabalho de introdução de plantas vivas, no caso dos jardins botânicos⁹, requer outros procedimentos específicos, tais como a aclimação e ideal domesticação das espécies em um espaço controlado.

O conceito de musealização, quando aplicado à realidade de estudo dos museus tradicionais, refere-se ao movimento de tirar física e conceitualmente alguma coisa do seu ambiente natural ou cultural original para transformá-lo em *musealimum* ou *musealia*: “objeto de museu”. O objeto ganha neste deslocamento um *status* museal. Stransky deixa bem claro que um objeto de museu não passa somente a ser um objeto no museu, na verdade, nesse deslocamento de contexto e no processo de seleção, classificação e de apresentação é que acontece a mudança do *status* do objeto. No museu tradicional, estes objetos extraídos adquirem uma realidade cultural específica determinada pela conceptualização outorgada ao objeto na musealização. O processo de musealização envolveria, ainda, a constituição de substitutos da realidade e como tal, não a realidade mesma. Como processo científico, compreende necessariamente o conjunto de atividades técnicas desenvolvido no museu: documentação, preservação, pesquisa e comunicação (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 251-252).

À continuação, apresenta-se como se deu passo a passo cada atividade correspondente à musealização das coleções vivas da Região Amazônica que tinham como destino o arboreto do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Demonstra-se, através dos relatórios, a

⁸ Denominamos aqui "Museus de natureza" as instituições que conservam, estudam e expõem coleções de espécimes vivos e/ou taxidermizados, assim como registros materiais arqueológicos e geológicos. Estas instituições podem ser jardins botânicos e zoológicos, aquários e vivários, assim como parques e reservas naturais - instituições e organizações que desenvolvem pesquisas sistemáticas e conjunturais relativas à identificação, documentação, formação de coleções, conservação, educação e difusão científica, relacionadas com o meio dito "natural". Na perspectiva da teoria museológica, jardins botânicos e zoológicos, aquários e vivários são museus tradicionais com coleções vivas, enquanto parques e reservas naturais são museus de território.

⁹ Desde 1946 os jardins botânicos foram considerados museus pelo ICOM, ao encontrar similitudes nas funções, objetivos, compromissos e responsabilidades com a sociedade em geral. "The Word 'museum' includes all collections open to the public, of artistic, technical, scientific, historical or archaeological material, including zoos and botanic gardens, but excluding libraries, except in so far they maintain exhibition rooms". Resolução do ICOM, 16- 20 de nov de 1946.

importância dada à experimentação, aclimação e plantio de diversas espécies amazônicas na procura da diversificação da agricultura, em prol do crescimento econômico do país.

As três expedições à Amazônia e o processo de musealização

A partir dos relatórios das três expedições realizadas por Ducke de 1919 até 1928, podemos ter uma idéia do material coletado, do lugar de procedência, sua aclimação tanto no Jardim como no Horto Botânico do Museu Paraense, assim como as plantas que foram introduzidas, aquelas que tiveram sucesso no florescimento e aquelas de difícil aclimação. Para tanto vamos descrever, baseados nos relatórios das três primeiras viagens de Ducke à Amazônia, realizados entre 1919 e 1928 e publicados nos Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1930, dos relatórios administrativos de Pacheco Leão, apresentados ao Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio durante sua gestão de 1915 a 1931; e da lista de plantas publicada por Campos Porto na Revista Rodriguesia, em 1936 qual foi o material botânico introduzido no JBRJ e através de fotografias achadas no acervo do Museu do Meio Ambiente vamos ilustrar a composição da exposição.

A coleta do material botânico

A coleta de material vivo e seco foi feita por Adolpho Ducke entre os anos de 1919 e 1928. Durante nove anos o cientista realizou três viagens:

1. A primeira expedição começou em maio de 1919 e terminou em março de 1920. Durante esses 10 meses de viagem, percorreu a zona do Baixo Amazonas;
2. A segunda partiu em agosto de 1922 até novembro de 1923. Durante 14 meses, coletou material suficiente para acrescentar à coleção de herbário e à coleção viva do arboreto;
3. A terceira e última das viagens realizadas durante a administração de Pacheco Leão e custeadas pelo Jardim Botânico, aconteceu entre dezembro de 1925 e fevereiro de 1928, sendo a mais longa, e também a mais complexa e limitada em recursos. Várias dificuldades (doenças e problemas legais no Perú) além da verba impediram em diversas ocasiões o desenvolvimento do trabalho.

O objetivo da coleta do material era estudar de maneira específica a flora da Região Amazônica, sobre diferentes aspectos: geográfico, ecológico e sistemático. Os relatórios de Ducke se caracterizam por estarem “repletos de observações analíticas que integram taxonomia, geografia, geologia, climatologia, história e botânica econômica” (DALY, 2001, p. 53).

Baseando-se nessa metodologia, Ducke fez relação constante à mata de terra firme, à mata de várzea e aos vegetais de ilhas inundáveis, ou, como ele menciona, de 'mata de Igapó'¹⁰. Essa subdivisão da composição da floresta amazônica serviu para descrever o tipo de solo e as condições nas quais determinadas espécies crescem, informação que acreditamos tenha sido essencial para desenvolver a aclimação das diferentes plantas levadas e introduzidas no Jardim.

Finalmente, nos relatórios eram registrados os números de espécies coletadas em cada viagem. Assim, ver que na primeira expedição, Ducke informa a relação de 39 espécies de plantas vivas com destino ao Rio de Janeiro (DUCKE, 1930a, p. 19); na segunda viagem, registrou o embarque do Dr. Silveira no vapor "Bahia" do Lloyd Brasileiro, levando consigo 20 caixas com 41 espécies de plantas vivas (DUCKE, 1930a, p. 31). Ducke volta para o Rio em 20 de novembro, levando "[...] 4 malas grandes contendo cêrca de 1900 numeros de plantas seccas representantes de mais de 1000 especies, e mudas, cerca de 120 especies de plantas vivas" (DUCKE, 1930a, p. 46); finalmente, na terceira viagem, com a ajuda de Pedro Occhioni - servente contratado para dar apoio a Ducke – no "serviço de acondicionamento e embalagem das plantinhas" conseguem transportar 99 espécies de plantas em 122 caixas (DUCKE, 1930a, p. 75).

Introdução das espécies amazônicas no Jardim

Com o material coletado e enviado para o Rio de Janeiro, organizou-se uma lista detalhada com anotações sobre requerimentos especiais para aclimação de alguns espécimes (DUCKE, 1930a, p. 80-98). Esses detalhes contribuíram não só com informações científicas, mas especialmente desvelaram detalhes de acondicionamento, assim como a aplicação na lavoura de diferentes espécies de interesse econômico:

Podemos dizer de um modo geral que qualquer uma tem a sua historia, pois ou eram de difficil adaptação, ou se ignoravam os factores necessarios para a transplantação conveniente.

Depois de observações acuradas, chegou-se á conclusão de que algumas espécies necessitam ser plantadas na propria região de onde são naturaes e, depois, serem transportadas para o Rio de Janeiro onde se lhes procura um terreno favoravel.

Outras pódem perfeitamente germinar nas condições normaes do Districto Federal, diminuindo deste modo as difficuldades que apparecem no decorrer de uma viagem longa e sujeita a transbordos e baldeações.

¹⁰ As condições sociais, econômicas e salubres da região não escaparam à observação do botânico. Em cada um dos relatórios faz um destaque à situação das comunidades amazônicas depois da crise da borracha, assim como os problemas salubres em várias regiões e as constantes epidemias de paludismo que abateram as pequenas cidades.

Para certos vegetaes de grandes exigencias ethologicas foi necessario fazer pacientemente uma serie de tentativas, afim de vêr em qual se conseguiria o exito do emprehendimento. (LEÃO, 1930, p. 79-80)

Isto demonstra como foi desenvolvida parte importante do processo de musealização de coleções vivas: a introdução e aclimação dos exemplares. Primeiro a domesticação, conhecimento e controle do ciclo de vida da planta para seu posterior deslocamento e adaptação em terrenos diferentes aos *habitats* (sementeiras, conservação *ex situ*). Registraram-se os experimentos de adaptação, assim como os resultados das observações que permitiam identificar as condições propícias necessárias para o crescimento e desenvolvimento dos exemplares. Resumem-se todas as atividades necessárias para o transporte, adaptação, plantação dos exemplares coletados por Adolpho Ducke desde 1919.

Nesta lista podemos observar que o Museu Paraense foi peça chave, como centro de operações deste trabalho, mas também como provedor de espécies de plantas para o Jardim Botânico. A terceira viagem empreendida por Ducke à Amazônia recebeu apoio do Governador do Estado do Pará, quem autorizou organizar os viveiros e sementeiras para domesticação, nas dependências do Museu Goeldi. Ducke salientou:

a importancia d'esta medida pela idoneidade do local, e mais ainda pelos auxilios prestados pelo sr. Rodolpho de Siqueira Rodrigues, subdiretor effectivo do estabelecimento e no exercicio da direcção durante todo o tempo da minha comissão. Cumpre-me deixar, aqui expressos, agradecimentos especiaes a esse amigo solicito em me acudir nas multiplas dificuldades e a quem incontestavelmente devo bôa parte do exito da minha missão (DUCKE, 1930a, p. 48-49).

Essa manifestação de agradecimento deixa clara a importância do Museu Goeldi, como suporte, como fornecedor e como base operativa de Ducke. Mais uma vez a Região Norte alimentou as coleções da Região Sudeste, como já havia sido feito em outros tempos, quando o Jardim Botânico do Grão Pará e o Jardim de La Gabriele serviram como centro de remessas para o Jardim Botânico Imperial.

Ensaio de aclimação

Os trabalhos de aclimação realizados no Jardim representaram uma das atividades de bastante relevância para a direção da instituição. O trabalho dos naturalistas viajantes era pesquisar *in loco* e coletar material "...não só para estudo de systematica, mas, ainda, para ensaios de acclimação, seleção e apuro de produtos de valia agricola e industrial" (BRASIL, 1928, p. 129). Vemos que a introdução de plantas passava por um processo de

ensaios de aclimação, observação e cuidados culturais¹¹ em grande número de plantas de flora nacional de reconhecida utilidade.

Nos relatórios apresentados ao Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio nos deparamos com um interesse especial em relatar o sucesso das experiências em aclimação obtidas durante a década de 1920. Em 1925, com a primeira remessa de plantas enviadas e/ou levadas por Ducke, assim como outras introduzidas por outros naturalistas, descreveu-se a quantidade de 1.693 espécies de utilidade econômica (BRASIL, 1929). Mas em 1926, a quantidade de plantas transplantadas de diversas regiões submetidas a ensaios técnicos de adaptação, dobrou o número do ano de 1925, sendo registradas 4.000 (BRASIL, 1928). Em 1929 cita-se o número de 200 espécies em ensaios de aclimação (BRASIL, 1930, p. 71), o que apresenta um incremento nas experiências com diferentes espécies.

Mencionou-se a aclimação de algumas espécies consideradas representativas da Amazônia. Um exemplo de difícil adaptação nas condições de solo e climáticas no Rio de Janeiro ficou registrado:

Vouacapoua americana Aubl., “acapú” – Pará: Belem – Arvore com flores côr de ouro velho, que fornece a mais celebre das madeiras paraenses. Cultura no Rio difficil, havendo ainda duvida quanto á aclimação das nossas mudas (DUCKE, 1930b, p. 86).

O sucesso da aclimação de algumas espécies foi dado pelo conhecimento prévio da adaptação de algumas plantas, no caso daquelas ornamentais citadas anteriormente, que pertenciam a alguns dos jardins do Rio de Janeiro. Portanto é relatada brevemente essa experiência com essas espécies e as condições nas quais crescem e se desenvolvem. Este foi o caso do guaraná:

Paullinia cupana H.B.K., “guaraná”. – Cultivado em alguns pontos da parte central da Amazonia, e ainda não conhecido em estado espontaneo. As plantas, no Rio de Janeiro, só se desenvolvem satisfatoriamente em terra fraca e secca e ao sol (DUCKE, 1930b, p. 89).

Tal afirmativa reitera o que Ducke (1930, p. 62) identificou depois de visitar a cidade de Maués, onde existia um “guaranazal” e onde o solo era um “barro amarello secco de apparencia pouco fertil”. Por essa razão a frutificação do guaraná no Jardim só teve sucesso em 1935, como foi comentado na Revista Rodriguesia: “Era crença arraigada a da impossibilidade da produção de guaraná fóra da Hyléa e, sómente agora, após

¹¹ “Cuidados ou tratos culturais é o conjunto de práticas que permitem que uma lavoura expresse ao máximo sua potencialidade produtiva”. Embrapa: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Algodao/AlgodaoCerrado/tratosculturaes.htm>> acesso em: 7 de abril de 2015

pacientes tentativas foi isso conseguido nas latitudes em que se acha o principal estabelecimento botânico do Brasil” (FRUTIFICAÇÃO, 1935, p. 79).

O aspecto dos frutos permitiu, aos botânicos do Jardim, demonstrar a perfeita aclimação da planta no clima e solo do Rio de Janeiro. Este acontecimento fitológico permitiu pensar na possibilidade de experimentação desse cultivo em grande escala.

Exposição da coleção viva numa paisagem romântica

Os relatórios de Ducke são interessantes do ponto de vista da metodologia de observação e coleta usada, embora não nos permitam saber de que maneira o espaço da representação da Região Amazônica foi concebido. Para identificar o uso dado ao espaço físico, recorreremos ao Acervo fotográfico do Museu do Meio Ambiente do JBRJ. As imagens nos serviram para determinar que no ano 1932 existia uma paisagem construída, com alguns elementos naturais (a coleção vegetal) assim como a casa ribeirinha, no meio de uma ilha construída ao que parece, para tal fim. Ver na Figura 2 a paisagem romântica quando da sua inauguração. Infelizmente não temos registros descritivos que nos permitam estabelecer as regras que se seguiram para configurar o espaço, embora fique registrado tanto nos relatórios de Ducke e Leão, quanto nos relatórios do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que foram seguidas umas regras de ordenamento baseadas na sistemática, na fitogeografia e na ecologia. O que nos aproxima da idéia de uma representação romântica da Amazônia na Capital Federal.



Figura 2 - Inauguração da Representação da Região Amazônica no Jardim Botânico do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do Museu do Meio Ambiente, JBRJ

A área da Região Amazônica foi crescendo em número de espécimes, foi se constituindo aos poucos em uma representação do ecossistema amazônico, que ganhou a casa do seringueiro e uma canoa dispostas numa ilha artificial¹².

A informação disponibilizada aos visitantes incluía não só o nome científico, mas também dados importantes de procedência, *habitat* e usos, tal como ficou registrado em 1931; depois do falecimento de Pacheco Leão foi publicada uma breve descrição da situação do arboreto e os trabalhos de organização desempenhados nos últimos anos, no Jardim:

Grupadas sistematicamente as especies vegetais e introduzidas plantas novas, procedeu-se á organização de um fichario, á revisão da classificação e á substituição das placas antigas por outras em que, além da indicação de família, genero, especie e nome vulgar, também são indicadas as **propriedades**, a **origem**, o **habitat** e a **região florística** de cada uma. Após a reconstrução das obras de arte, que foram reintegradas ao “arboretum”, e terminado o quadro típico de vegetação amazonica, iniciou-se a formação do “cerrado” [...] (BRASIL, 1933, p. 90)

Estas informações, registradas nas tabuletas ou placas informativas que cada exemplar possuía, demonstram o tipo de informações que eram privilegiadas e que refletem as atividades científicas desenvolvidas no Jardim Botânico nesse período. “Os estudos de sistemática e ecologia com objetivo de ordem científica e ainda tendo em vista interesses práticos e econômicos” aparecem resumidos nas placas, que além de dar conhecimento do nome do exemplar, permitia localizá-lo num ponto geográfico e atribuir-lhe algum valor econômico ou comercial.

Considerações finais

A representação da Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro corresponde a um produto articulado com o projeto político do Brasil Republicano, que buscava inventariar o que fosse nacional, neste caso, a natureza, os povos e as fronteiras. Neste contexto, a Amazônia era foco de atração, pois representava uma natureza aparentemente “intocada” ainda não descoberta e que devia ser desvelada pelos naturalistas brasileiros, os quais tinham como objetivo principal diversificar a produção e o uso da terra com um interesse econômico e “civilizatório”. Pode-se vislumbrar um exemplo muito ilustrativo dessa ideia romântica que se tinha sobre natureza amazônica na representação da Região amazônica do JBRJ: a paisagem deste

¹² Essa primeira paisagem foi destruída em 1936 por uma chuva torrencial, que levou consigo parte da área onde se localizava essa nova recriação da Amazônia, incluindo parte do acervo vegetal que já tinha passado pelo processo de aclimação e se encontrava perfeitamente musealizado “...que ficou completamente inutilizada quanto as plantas herbáceas e arbóreas novas, gramados, ruas e lagos” (JARDIM, 1936, p. 83). O Rio dos macacos transbordou afetando 2/3 da área cultivada, sobre a qual ficou uma camada de lama grossa, que em alguns pontos alcançou uma espessura de 1 metro (PORTO, 1936a, p. 1).

núcleo é composta por dois elementos que nos remetem à ocupação humana do território: uma casa e um seringueiro imersos na floresta, talvez simbolizando a harmonia e a comunhão do homem com a natureza; mas estes elementos também podem remeter à historicidade do jardim, pois hoje a Amazônia não é mais dos seringueiros, agora é dos pecuaristas, plantadores de soja, madeireiros, mineradores e empreiteiros. Isto indica que esta paisagem, com o passar do tempo permanece altamente idealizada e romantizada.

É possível identificar a importância que o Museu Paraense Emílio Goeldi teve não são como centro de operações das atividades de Adolpho Ducke nas três expedições à Amazônia, mas também como a *alma mater* do naturalista, que tomou para si o legado do estudo das plantas amazônicas, assunto deixado por seu predecessor Jacques Huber. Afirmamos que parte fundamental dos conhecimentos adquiridos por Ducke tiveram como origem o Museu, mas que foram especializados na sua trajetória no Jardim Botânico.

Chama-se a atenção para o fato de que compreender os jardins botânicos como museus permite identificar a importância da memória documental resguardada nos herbários e nas coleções vivas, que não só funcionam como repositórios científicos, mas também - e de maneira especial, como a memória institucional e parte da memória da ciência no Brasil.

Resta assim fazer uma análise comparativa entre a coleção de exsicatas e a coleção viva, o que serviria como estudo para confirmar de maneira nítida o caráter museal dos jardins botânicos e complementaria a existência de árvores remanescentes, plantadas por Adolpho Ducke e equipe de jardineiros ainda na década de 30. Bediaga já havia comentado sobre a importância das exsicatas como material documental, assim como identificado a pouca exploração, como documento histórico: “Todo o esforço de preservação da memória institucional concentrou-se no Herbário, [...] fonte ainda não explorada por historiadores, apesar do seu grande valor informativo, com documentos que datam desde o século XVII” (BEDIAGA, 2007, p. 1138).

Se o herbário funciona como fonte de documentação das coleções vivas, faltaria estabelecer qual a reserva técnica dos jardins botânicos: será esta constituída pelo horto e pelo viveiro de mudas? Mas, não são estas seções dos jardins botânicos laboratórios de experimentação de adaptação de plantas?

Demostramos, através dos relatos de Adolpho Ducke, que as coleções vivas são musealizadas de maneira diferenciada, ao entendermos que seu caráter dinâmico, característica intrínseca daquilo que possui vida, determina não só os processos de introdução dentro de um espaço determinado e controlado mas, especialmente, do seu adequado desenvolvimento que depende essencialmente da aclimação e ideal domesticação.

Referências

BEDIAGA, Begonha. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro – 1808 a 1860. *Hist. cienc. saude - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1131-1157, out.-dez. 2007.

BRASIL. Decreto nº 23.793, de 23 de Junho de 1934. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23793-23-janeiro-1934-498279-normape.html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório de 1930-31, apresentado ao chefe do governo provisório por Mário Barboza Carneiro, encarregado do expediente na ausência do Ministro J.F. de Assis Brasil*. [S.l: s.n.], p. 89-90, 1933. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>>. Acesso em: 16 set. 2014.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório de 1929, apresentado ao Presidente da Republica dos estados unidos do Brazil pelo Ministro Geminiano Lyra Castro*. [S.l: s.n.], p. 71-74, 1930. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>>. Acesso em: 16 set. 2014.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório de 1926, apresentado ao Presidente da Republica dos estados unidos do Brazil pelo Ministro Geminiano Lyra Castro*. [S.l: s.n.] p.129-137, 1928. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>>. Acesso em: 16 set. 2014.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório de 1920, apresentado ao Presidente da Republica dos estados unidos do Brazil pelo Ministro Idelfonso Simoes Lopes*. [S.l: s.n.] p.197-200, 1921. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>>. Acesso em: 16 set. 2014.

_____, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Relatório de 1916, apresentado ao Presidente da Republica dos estados unidos do Brazil pelo Ministro José Rufino Beserra Cavalcanti*, [S.l: s.n.] v.1, p.27-28, 1916 Relatório consultado no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>>. Acesso em: 16 set. 2014

_____. Decreto nº 7848, de 3 de fevereiro de 1910. Reorganiza o Jardim Botânico. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 13 fev. 1910. Seção 1, p. 1169.

_____. Decreto nº 518, de 23 de Junho de 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-518-23-junho-1890-523570-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: um lugar de ciência (1915-1931)*. 2011. 121f. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011.

CAVALCANTE, Paulo. Adolpho Ducke – Traços biográficos, viagens e trabalhos. (biografia inconclusa de Walter Egler). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Botânica*, n. 18, p. 5-129, 1963.

CUNHA, Oswaldo Rodrigues da. Jacques Huber (1867-1914). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.4, n. 3, p. 489-502, 2009.

DALY, Douglas C.. Trilhas botânicas no Rio Negro. In: OLIVEIRA Alexandre de; DALY, Douglas C. (Eds). VARELLA, Drauzio (Coord.). *Florestas do Rio Negro*. São Paulo: Schwarcz, 2001. p. 25-60.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE François (Org.). *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Arman Colin, 2011.

DUCKE, Adolpho. O Herbário amazônico do Museu Paraense em 1950. *Boletim técnico do instituto agrônomo do norte*, Belém, n. 28, p. 39-44, Dez., 1953.

_____. Relatório das comissões desempenhadas pelo chefe da seção Botânica, Adolpho Ducke, na região amazônica durante os anos de 1919 a 1928. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.5, p. 1-75, 1930a.

_____. Lista das espécies. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.5, p. 80-98, 1930b.

FRUTIFICAÇÃO do guaraná. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 79, 1935.

JARDIM Botânico. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 83, 1936.

LEÃO, Pacheco. Enumeração das plantas amazonicas cultivadas no Jardim Botânico e introduzidas pelo chefe de seção, Adolpho Ducke, de 1920 a 1928. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.5, p. 79-80, 1930.

MACHADO, Cornélia Alves. Notas biográficas. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v.9, n.20, p. 133-134, 1946.

PORTO, Campos. *Relatório Inundação JBRJ 6 de fevereiro de 1936 ao Ministro da Agricultura, Industria e Comercio, Instituto de Biologia Vegetal*, [S.l. s.n.], 1936a.

SÁ, Dominichi Miranda; SÁ, Magali Romero; LIMA, Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *Hist. cienc. saude - Manguinhos*, v. 15 n. 3, p. 779-810, 2008.

SÁ, Dominichi Miranda de, CASAZZA, Ingrid Fonseca. O País das Amazonas e naturalistas brasileiros: a natureza amazônica nas viagens científicas da Comissão Rondon e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 5, p. 95-109, 2012. Suplemento.

SUESCUN, Lilian. O Modo expositivo dos museus de natureza. Análise comparativa entre a exposição da coleção viva de flora do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e a representação da Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2015. 277f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO/Museu de Astronomia, Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Profa. Dra. Tereza Cristina Moletta Scheiner.

Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi

DUCKE, Adolpho. [Carta] 24 abr. 1918a, Belém [para] Dr. Pacheco Leão, Rio de Janeiro. 1f. Confirma o envio das plantas que tinham sido solicitadas, explicando o motivo pelo qual não chegariam no vapor Lloyd e sim, pela graça de Justo Chermont

HUBER, Jacques. [Carta] 23 ago. 1912, Belém [para] John Willis, Rio de Janeiro. 3f. Confirma o envio de duplicatas de herbário e explica que a remessa de plantas vivas será feita esporadicamente, devido à falta de um serviço regular de distribuição de sementes.

WILLIS, John. [Carta] 9 ago. 1912, Rio de Janeiro [para] Jacques Huber, Belém. 3f. Solicita plantas amazônicas, informação sobre árvores gomíferas e ajuda na revisão da Flora Brasiliensis.